

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

**Correspondência ao Autor**

Nome: Dayane de Freitas Colombo Rosa

E-mail: daydoutorado@gmail.com

Instituição: Prefeitura Municipal de Astorga, Brasil

Submetido: 03/07/2020

Aprovado: 30/07/2020

Publicado: 02/08/2021

 10.20396/rho.v21i00.8660363

e-Location: e021033

ISSN: 1676-2584

**Como citar ABNT (NBR 6023):** ROSA, D. de F. C.; AMARAL, R. G. do; MELO, J. J. P. A construção do homem novo em Cuba (1959-1961): um processo de transformação por meio da alfabetização como prática de liberdade. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 21, p. 1-21, 2021. DOI: 10.20396/rho.v21i00.8660363. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8660363>. Acesso em: 02 ago. 2021.

Distribuído Sobre



Checagem Antiplágio



## A CONSTRUÇÃO DO HOMEM NOVO EM CUBA (1959-1961): UM PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO POR MEIO DA ALFABETIZAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

  **Dayane de Freitas Colombo Rosa\***  
Prefeitura Municipal de Astorga

  **Roseli Gall do Amaral\*\***  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

  **José Joaquim Pereira Melo\*\*\***  
Universidade Estadual de Maringá

### RESUMO

A alfabetização de um povo pode promover muito mais do que aprendizagens de leitura e escrita, como ressalta Paulo Freire (1987), pode promover libertação e cidadania, um novo modelo de homem e uma nova consciência de mundo. Neste trabalho, o objetivo foi traçar algumas reflexões sobre como se iniciou a construção, por meio da alfabetização, do modelo de homem ideal cubano: o homem novo. O procedimento metodológico foi uma pesquisa bibliográfica, de caráter historiográfico a partir do projeto de pesquisa: Cuba e a formação docente revolucionária: a construção do *Homem Novo* vinculado a Universidade Estadual de Maringá-UEM. Delimitou-se como fonte primária o *Manual Alfabetecemos* (CUBA, 1961b) e os discursos de Fidel Castro pronunciados nos anos de 1960, 1961 e 1967 e o discurso de Che Guevara de 1965. Em um cenário de transformação social, a educação cubana foi reformulada a partir de 1959, com vistas à construção de um novo modelo pedagógico de caráter político, social, econômico e cultural. O primeiro passo para essa reformulação foi a Campanha de Alfabetização realizada em 1961, na qual foi necessário fazer de cada cubano um professor. Assim, o projeto antropológico de Cuba foi se desenvolvendo e ganhando características no contexto de formação do professor alfabetizador a fim de transformar, ao mesmo tempo, o aprendiz em mestre. O estudo concluiu que discutir a práxis alfabetizadora cubana pode em muito promover a reflexão sobre as questões que envolvem um processo eficiente de combate ao analfabetismo em suas várias facetas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Cuba. Formação docente. Alfabetização. Homem novo.

## THE CONSTRUCTION OF THE NEW MAN IN CUBA (1959-1961): A PROCESS OF TRANSFORMATION THROUGH LITERACY AS A FREEDOM PRACTICE

### Abstract

The literacy of a people can promote much more than learning to read and write, as Paulo Freire (1987) points out, it can promote liberation and citizenship, a new model of man and a new awareness of the world. In this work, the objective was to outline some reflections on how the construction, through literacy, began of the model of the ideal Cuban man: the new man. The methodological procedure was a bibliographic research, of a historiographical character based on the research project: Cuba and the revolutionary teacher education: the construction of the New Man linked to the State University of Maringá-UEM. The Alphabetical Manual (CUBA, 1961b) and Fidel Castro's speeches in the 1960s, 1961 and 1967 and Che Guevara's 1965 speech were delimited as a primary source. In a scenario of social transformation, Cuban education was reformulated from 1959, with a view to the construction of a new pedagogical model of a political, social, economic and cultural character. The first step towards this reformulation was the Literacy Campaign carried out in 1961, in which it was necessary to make each Cuban a teacher. Thus, the anthropological project of Cuba was developing and gaining characteristics in the context of the formation of the literacy teacher in order to transform, at the same time, the apprentice into a master. The study concluded that discussing Cuban literacy practices can greatly promote reflection on issues that involve an efficient process of combating illiteracy in its various facets.

**Keywords:** Education. Cuba. Teacher training. Literacy. New man.

## LA CONSTRUCCIÓN DEL HOMBRE NUEVO EN CUBA (1959-1961): UN PROCESO DE TRANSFORMACIÓN A TRAVÉS DE LA ALFABETIZACIÓN COMO PRÁCTICA DE LIBERTAD

### Resumen

La alfabetización de un pueblo puede promover mucho más que aprender a leer y escribir, como señala Paulo Freire (1987), puede promover la liberación y la ciudadanía, un nuevo modelo de hombre y una nueva conciencia del mundo. En este trabajo, el objetivo fue esbozar algunas reflexiones sobre cómo se inició la construcción, a través de la alfabetización, del modelo del cubano ideal: el hombre nuevo. El procedimiento metodológico fue una investigación bibliográfica, de carácter historiográfico, basada en el proyecto de investigación: Cuba y la formación docente revolucionaria: la construcción del Hombre Nuevo vinculado a la Universidad Estatal de Maringá-UEM. Se delimitó como fuente primaria el Manual Alfabético (CUBA, 1961b) y los discursos de Fidel Castro en las décadas de 1960, 1961 y 1967 y el discurso del Che Guevara de 1965. En un escenario de transformación social, la educación cubana se reformuló a partir de 1959, con miras a construir un nuevo modelo pedagógico de carácter político, social, económico y cultural. El primer paso hacia esta reformulación fue la Campaña de Alfabetización realizada en 1961, en la que era necesario hacer de cada cubano un maestro. Así, el proyecto antropológico de Cuba se fue desarrollando y adquiriendo características en el contexto de la formación del alfabetizador para transformar, al mismo tiempo, al aprendiz en maestro. El estudio concluyó que discutir las prácticas de alfabetización cubanas puede promover en gran medida la reflexión sobre temas que involucran un proceso eficiente de lucha contra el analfabetismo en sus diversas facetas.

**Palabras clave:** Educación. Cuba. Formación del professorado. Alfabetización. Hombre nuevo.

## INTRODUÇÃO

A partir dos seus primeiros anos no poder, segundo Gillette (1977), os líderes da Revolução Cubana procuraram transformar a educação em uma força motriz de desenvolvimento econômico e justiça social. Objetivos estes, que não se distanciaram dos responsáveis pela implementação de políticas educacionais de países em subdesenvolvimento que têm por moldes o sistema capitalista. No entanto, para o autor, enquanto nesses países os dirigentes tendem a dar prioridade ora para a educação enquanto fator norteador de desenvolvimento econômico, ora como provedora de justiça social, em Cuba, além de atingir esses objetivos de forma equilibrada, buscou-se alcançar um terceiro objetivo: a melhor formação do indivíduo enquanto ser humano. Isto porque: “[...] o cidadão cubano não deveria apenas viver melhor; devia ser melhor, e não através da adoção do estilo de vida da classe média americana.” (GILLETTE, 1977, p. 18).

Após 1959, os principais líderes do movimento revolucionário se empenharam em construir em Cuba um homem integrado<sup>1</sup> e consciente de sua função enquanto sujeito histórico social. Esse objetivo de criar um homem desalienado, segundo o mesmo Gillette (1977), foi a princípio mais um slogan filosófico do que um conceito bem definido. Todavia os esforços para o desenvolvimento de um homem consciente podem ser observados desde os preparativos da Campanha de Alfabetização, em especial a partir da formação que os professores voluntários tiveram em *Sierra Maestra*, quando a necessidade de erradicar o analfabetismo passou a ser propagada como o primeiro passo para possibilitar à população uma condição de plena liberdade política, econômica e humana. Diante destas constatações, o objetivo central deste texto foi refletir sobre o processo inicial de desenvolvimento do homem novo cubano, destacando quem era e qual a sua formação.

Nessa perspectiva, os objetivos específicos foram: analisar o *Manual Alfabetizamos* (CUBA, 1961a) no intuito de compreender os ideais formativos nele expresso; identificar como a alfabetização foi pensada em Cuba no período de 1959-1961; analisar o papel que a campanha de alfabetização exerceu nessa construção, ou seja, de que forma esse processo pode ter contribuído para a sistematização do homem novo.

O artigo foi estruturado a partir da dissertação de mestrado intitulada: Cuba e a formação docente revolucionária: a construção do *Homem Novo*, sob orientação do professor Dr. José Joaquim Pereira Melo e coorientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Roseli Gall do Amaral para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá-UEM, sendo assim foi realizada uma pesquisa bibliográfica que requisitou um referencial de leitura relativo ao tema, o qual viabilizou suporte histórico e metodológico para a solução das questões levantadas para o desenvolvimento do texto.

Como fonte primária foi utilizado o *Manual Alfabetizamos* elaborado em 1961 pela Comissão Nacional de Alfabetização de Cuba, o qual visava atender as demandas revolucionárias de um educador que contribuísse para construção de uma nova ordem social, o socialismo. O manual do alfabetizador foi dividido em três seções. A primeira tratava sobre

a orientação aos professores voluntários, no que se refere aos procedimentos pertinentes à relação entre alfabetizador e alfabetizando, assim como enfatizava a necessidade de aplicar corretamente a metodologia proposta. A segunda seção apresentava vinte e quatro temas de orientações aos professores a respeito de como utilizar a *Cartilha ; Venceremos!*. E a terceira parte consistia em um glossário, no qual eram definidos conceitos tidos como significativos para o movimento revolucionário, tais como: imperialismo, Revolução, liberdade e libertação, entre outros.

Utilizou-se também, como fontes primárias os discursos de Fidel Castro (1926-2016) e de Che Guevara (1928-1967) para entender a educação do homem livre, culto e miliciano apresentado em 1961 no *Manual Alfabetecemos* (CUBA, 1961a) e como “homem novo”, em 1965, nesses discursos.

Para o tratamento das fontes, sua análise e interpretação, utilizou-se como fontes teóricas os pressupostos dos autores: Marx (2004), Marx e Engels (1986), Freire (1987), Soares (2017) e Amaral e Resende (2018).

Foi também preocupação entender historicamente a sociedade cubana e o processo de transformação social por ela promovido, no qual a educação teve papel significativo. Para tanto, foi preciso obter respaldo em fontes secundárias, dentre elas destaca-se: Fernandes (1984), Gillette (1977), Gott (2006), Huteau e Lautrey (1976), López (2011), Pereira (1989), Peroni (2006) e Sweezy e Huberman (1960).

Desta maneira, para uma melhor compreensão do tema, o texto foi organizado em três partes, além desta introdução. Em um primeiro momento, buscou explicitar os princípios do homem livre, culto e miliciano, sistematizado por Che Guevara em 1965 como homem novo, contidos no *Manual Alfabetecemos* (CUBA, 1961a) e na formação do professor alfabetizador. No segundo momento, tratou-se de analisar de que forma a alfabetização naquele período em Cuba foi estruturada em instrumento propulsor de desenvolvimento político, econômico e social, ou seja, como instrumento de desenvolvimento humano. Por fim, nas Considerações Finais observou-se que em Cuba durante a Campanha de Alfabetização os princípios do homem novo foram se delineando por meio da alfabetização como prática libertária.

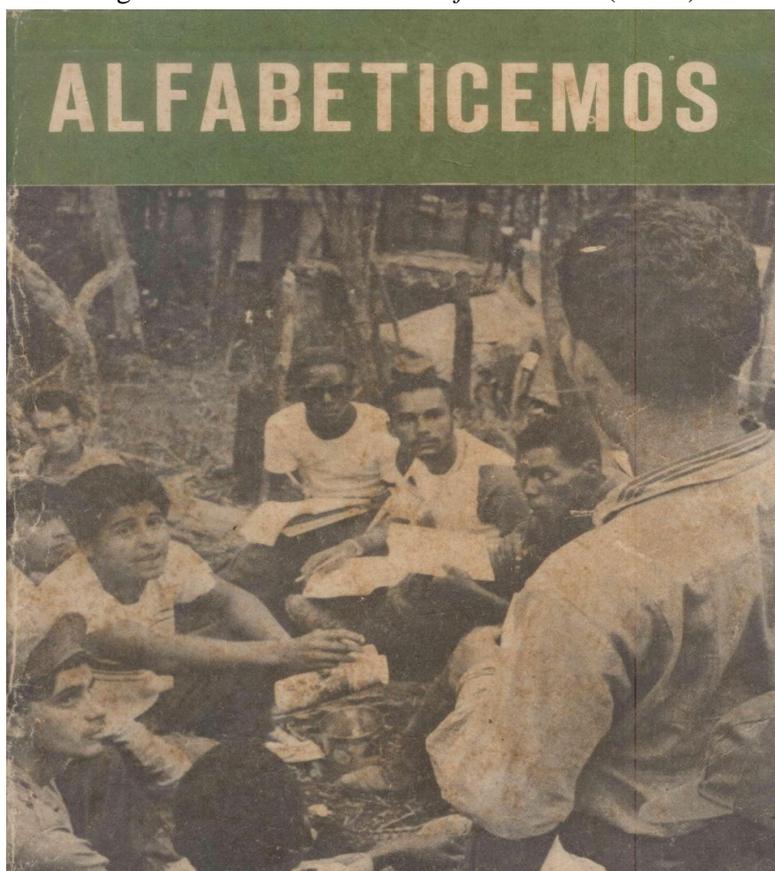
## **A CONTRIBUIÇÃO DO MANUAL ALFABETICEMOS COMO INSTRUMENTO FORMATIVO PARA O PROFESSOR ALFABETIZADOR**

Em meio ao movimento de alteração da sociedade cubana em 1959, ocorreram discussões de que a Revolução só seria real se houvesse uma conscientização popular. Foi então, que o problema do analfabetismo passou a ser discutido com maior ênfase e a educação passou a exercer um papel significativo na formação da consciência da população.

No entanto, esse desenvolvimento da consciência, deveria acontecer o mais rápido possível. Pois, a disputa política que existia no interior da guerrilha e entre os grupos burgueses contrários à ditadura de Fulgencio Batista (1901-1973)<sup>2</sup> poderiam realizar um aburguesamento da Revolução.

Nesta perspectiva, ocorreu a elaboração de uma proposta pedagógica - o *Manual Alfabetemos* (CUBA, 1961a) - com vistas a formação do professor voluntário que participaria da Campanha de Alfabetização. Como elucidado a seguir:

Figura 01 – Foto do Manual *Alfabetemos* (1961a)



Fonte: Cuba (1961a, p. 01).

Ao analisar o *Manual Alfabetemos* (CUBA, 1961a) foi possível compreender que expressava os ideais da pedagogia revolucionária desenvolvida para a formação de um homem livre, culto e miliciano de forma simples e didática. Uma vez que a grande maioria dos que atenderam ao apelo de Fidel Castro para participar da Campanha como professor alfabetizador eram jovens que se encontravam entre 14 e 16 anos de idade e alguns ainda estavam em período de alfabetização.

Segundo Pereira (1989), a idade desses *jovens maestros* oscilava entre 12, 14 e 16 anos. Sobre a procedência escolar dos mesmos, o autor esclareceu que eram: “[...] 52% a

escola primária, 32% da secundária básica, 5% do ensino universitário, 2% da Escola Normal, 2% de escolas comerciais, 2% de universidades e 3% do magistério.” (PEREIRA, 1989, p. 62). Ou seja, alguns ainda estavam em período de alfabetização, por isso necessitavam de uma formação simples e didaticamente bem construída.

Na proposta pedagógica esses princípios de um homem livre, culto e miliciano estariam relacionados a necessidade do professor alfabetizador aprender a trabalhar no coletivo. Os professores da Campanha de Alfabetização, em um primeiro momento, foram instruídos a trabalharem com os camponeses nos campos e só a noite exercerem o ofício de ensinar a ler.

Nesse período em que passariam juntos, se orientava no *Manual Alfeticemos* (CUBA, 1961a) que o professor, deveria estabelecer uma relação de amizade e cooperação com o camponês, para que a harmonização entre o estudo com o trabalho fosse colocada em prática. Esse princípio deveria ser a base para a construção da nova sociedade, e, só a partir dele seriam internalizados os novos conhecimentos necessários para a abolição da velha divisão social do trabalho.

Era orientado no Manual ao professor:

a) Mostre-se corajoso diante das dificuldades, pense que você trabalha para a Pátria lutando contra a ignorância; b) Evite dar ordens. Diga: vamos trabalhar. Vamos estudar. Use expressões estimulantes como: Vai muito bem! Adiante! Perfeito! etc.; c) Evite o tom autoritário, lembre-se que o trabalho de alfabetização é feito em comum entre alfabetizados e analfabetos; d) Se notar fadiga ou cansaço, mude-lhes de trabalho. (CUBA, 1961a, p. 11, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Manuel Pereira (1989), lembrou em seu livro *Rebeldes sem armas: alfabetizadores cubanos em ação*, um dos momentos em que os professores estavam recebendo essas orientações: “você receberam um manual e uma cartilha. No manual, vão encontrar as instruções para utilizar a cartilha.” (PEREIRA, 1989, p. 23). E ainda:

A cartilha - continuou o professor - é o instrumento fundamental para ministrar às aulas. Nas últimas páginas há um alfabeto em letra de fôrma e outro em cursiva [...]. É preciso organização. Devem madrugar e fazer o que fizer o camponês que ninguém fique colado na rede! À tarde vão dar aulas para as crianças. À noite, o melhor horário para os camponeses, é a vez deles. (PEREIRA, 1989, p. 24).

Nesse sentido, ao tomar consciência de seu dever social, o professor, em meio a um processo duplo de educação e autoeducação, assumiria uma conduta moral e disciplinada, exemplificando um engajamento motivador para que toda a população também internalizasse os princípios do homem livre, culto e miliciano. Esse comportamento padronizado estava contido no discurso de Che Guevara (1965) quando o mesmo explicitou sobre a educação revolucionária atuar como um constante estímulo moral: “[...] como já disse, num momento de perigo extremo é fácil potencializar os estímulos morais; para

manter sua vigência, é necessário que se desenvolva uma consciência na qual os valores adquiram categorias novas.” (GUEVARA, 1965, p. 9).

Neste sentido, as discussões realizadas foram essenciais para a compreensão de que, a transformação social promovida em Cuba, a partir da Revolução, desenvolveu novas necessidades educativas. Era necessário um novo ideal de cultura, conhecimento, política, trabalho e educação que configurasse o homem novo e, o professor alfabetizador foi primordial nesse contexto porque contribuiu de forma significativa para construir um novo processo formativo, uma pedagogia forjada “[...] com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade.” (FREIRE, 1987, p. 17). Uma pedagogia que, possivelmente fez, da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, uma vez que o *Manual Alfabetizamos* (CUBA, 1961a) orientava-lhe a uma práxis pedagógica consciente, que o convergia no próprio homem novo que seria elucidado de forma mais sistematizada somente em 1965. Essa nova forma de educar proporcionava ao professor refletir sobre as relações sociais, políticas e econômicas vivenciadas pelo povo cubano até então, o que pôde ter contribuído para seu comprometimento com a alfabetização.

Che Guevara (1965) ao tratar da formação do “homem novo” argumentava que era necessário internalizar que a cultura era uma arma da Revolução e, a leitura e escrita permitiam o acesso a esse universo cultural. Portanto, o conhecimento precisava adquirir um caráter técnico e científico. Ou seja, era necessário unificar o estudo ao trabalho. Deveria-se, segundo Che Guevara (1965), adotar o princípio do trabalho voluntário, no qual apresentava um caráter pedagógico importante, pois aproximaria o trabalhador do escritório ao operário. Ambos aprenderiam juntos e socializariam as normas de conduta e os valores que permitiriam a aprendizagem da nova cultura do trabalho enquanto promotor de riqueza social e não individual. Assim, o homem cubano poderia se apropriar dos conhecimentos produzidos historicamente e compartilhá-los, ao mesmo tempo em que no voluntariado melhora as condições estruturais da vida coletiva, como aconteceu na Campanha de Alfabetização, quando os professores brigadistas além de ensinar a ler escrever trabalhavam no campo com o camponês e, ainda prestavam serviços à saúde, ajudando a construir banheiros e poços, identificando problemas oftalmológicos e auditivos. Em um dinamismo solidário que unia ciência e técnica, em uma transformação social e cultural.

Somente a internalização do mundo da cultura por meio da educação direta (oferecida pelo Estado), indireta (força do exemplo) bem como da força de vontade e disciplina de cada indivíduo para buscar dentro de si novas práticas e pensamentos adequados ao novo modelo societário possibilitaria, para Che Guevara (1965), um novo entendimento sobre a função social do trabalho humano e, portanto um “homem novo”. O trabalho deveria ser adotado como uma estratégia coletiva de superação nacional e conseqüentemente individual. Esses princípios podem ser identificados já em 1961 com a Campanha de Alfabetização, que ficou conhecida como a batalha da cultura. Uma vez que a educação (alfabetização) passou a ser propagada como condição de libertação nacional tanto na esfera política quanto econômica. E, quesito de plena humanização do povo cubano.

Assim, o “homem novo” seria, no caso de Cuba, para Che Guevara (1965) e Fidel Castro (1967), um homem consciente de seu papel de autor e ator da sociedade. Deveria por meio da autoeducação se esforçar ao máximo para se livrar de um passado individualista, assumir uma condição solidária, e uma identidade latinoamericana. Só assim, poderia se despojar dos bens materiais e estar disposto a sacrificar-se pela Revolução a qualquer custo, colocando em prática o princípio vocacionado por Fidel Castro de Pátria ou Morte.

Para Fidel Castro (1967), Che Guevara apresentava essas qualidades e por isso deveria ser tomado como exemplo concreto de “homem novo” a ser seguido. Portanto, para se construir o socialismo em Cuba, na perspectiva de Fidel Castro (1967), era necessário seguir o modelo de Che Guevara, ser um homem que seguisse um modelo de vida quase estoico e espartano. Ou seja, um homem de ideias, mas, sobretudo, de ação.

No entanto, essas qualidades foram construídas nos jovens voluntários da Campanha de Alfabetização antes de Che Guevara ser dado como modelo de homem a ser seguido por Fidel Castro em 1967. Já que esses jovens foram orientados pelas lições do *Manual Alfabetemos* (CUBA, 1961a) que enfrentariam muitas dificuldades nas montanhas, pois, estavam acostumados com o conforto da cidade, mas “[...] assim como os guerrilheiros que tinham vivido durante anos naquela Sierra, também eles, brigadistas, teriam que dar a sua contribuição.” (PERONI, 2006, p. 36). E mesmo chorando deitados em suas redes de dormir com saudades de casa ou por medo, não desistiram.

Desse modo, é possível concluir que a necessidade de superação do analfabetismo e a formação inicial do professor alfabetizador em Cuba configurou-se em terreno fértil para desenvolver a condição de que todos deveriam assumir o dever social de ensinar e aprender, tornando-se ao mesmo tempo mestre e aprendiz, gestando a consciência coletiva, que iria inserir o indivíduo na coletividade. Dessa maneira, foi atrelado aos princípios do ideal de homem a ser formado que se constituía no homem novo uma formação simples, centrada na disciplina e autoeducação que objetivava romper com os princípios morais e burguesas da velha sociedade, formação esta que teve como ponto de partida a alfabetização.

## **A CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO CUBANA COMO PONTO DE PARTIDA PARA A CONSTRUÇÃO DO HOMEM NOVO**

A partir de uma discussão realizada no período do mestrado e que foi sintetizada na dissertação apresentada, pôde-se concluir que a história de Cuba, no desenvolvimento de uma situação revolucionária que brotou da ordem colonial e floresceu nas condições materiais do neocolonialismo, enfatizou a alfabetização como condição para a formação do novo modelo de homem: livre e libertador.

Nesse processo, uma crise política, social e econômica, segundo Florestan Fernandes (1984), cresceu e eclodiu no movimento de luta entre as classes e dentro delas, portanto, a Revolução foi produto de forças internas e externas, que não desapareceram ao longo da

história. Ao contrário, se agravaram mediante ao cenário de miséria da população e das condições precárias em saúde e educação desenvolvidas a partir da condição de neocolônia americana, de governos corruptos e intensificados com a ditadura de Gerardo Machado (1871-1939)<sup>4</sup> e Fulgencio Batista.

Ao organizar o assalto do quartel *Moncada*, Fidel Castro principiou um movimento de luta para a construção de uma sociedade livre política e economicamente. O que culminou na Revolução que a princípio apresentou caráter liberal democrático e foi aos poucos tomando para si o caminho social revolucionário do socialismo. Foi então que se iniciou uma transformação social na qual a educação teve papel significativo.

A Campanha de Alfabetização foi o primeiro passo para tal transformação ao mesmo tempo em que se constituiu também no ponto de partida para uma formação docente revolucionária que se converteria no próprio homem novo. O *Manual Alfabetecemos* (CUBA, 1961a) se tornou o veículo pelo qual foi operacionalizado o processo formativo do professor cubano, o manual fez parte de um conjunto de procedimentos pedagógicos e educacionais. Assim, a formação docente revolucionária em Cuba caminhou para uma práxis pedagógica que garantiu o êxito da Campanha de Alfabetização e Cuba tornou-se o primeiro país da América Latina livre do analfabetismo.

Essa práxis pedagógica só foi de fato efetiva devido a organização didática dos líderes da Revolução que, por meio do *Manual Alfabetecemos* (CUBA, 1961a) puderam compartilhar informações e orientações para a formação de uma consciência coletiva. E, também porque houve um processo de desvelamento da conjuntura micro e macro nas relações sociais para as massas populares, no qual fez com que os *jóvens maestros*, caminhassem com a população conquistando sua confiança, treinando e preparando o povo para serem autores e atores desse ato de desvelar a realidade concreta, o que contribuiu à adesão por grande parte da população a Campanha de Alfabetização. (FREIRE, 1987).

Sobre a adesão das massas populares, Paulo Freire (1987, p. 97) afirmou que coincide com a “[...] confiança que as massas populares começam a ter em si mesmas e na liderança revolucionária, quando percebem a sua dedicação, a sua autenticidade na defesa da libertação dos homens.” A liderança de Fidel Castro em determinado momento se tornou contraditória, no entanto, o autor reconheceu que no período da Campanha de Alfabetização houve uma grande adesão:

A liderança de Fidel Castro e de seus companheiros, na época chamados de “aventureiros irresponsáveis” por muita gente, liderança eminentemente dialógica, se identificou com as massas submetidas a uma brutal violência, a da ditadura de Batista. Exigiu o testemunho corajoso, a valentia de amar o povo e por ele sacrificar-se. Exigiu o testemunho da esperança nunca desfeita de recomeçar após cada desastre, animados pela vitória que, forjada por eles com o povo, não seria apenas deles, mas deles e do povo, ou deles enquanto povo. Fidel polarizou a pouco e pouco a adesão das massas que, além da objetiva situação de opressão em que estavam, já

haviam, de certa maneira, começado, em função da experiência histórica, a romper sua ‘aderência’ com o opressor. (FREIRE, 1987, p. 94).

Assim, é possível considerar que a adesão das massas populares a Campanha de Alfabetização se deu, naquele momento, por conta da comunhão da liderança com o povo “[...] deixou de ser teoria para converter-se em parte definitiva de seu ser.” (FREIRE, 1987, p. 98). Neste sentido, é possível também considerar que o *Manual Alfabetecemos* (CUBA, 1961a) foi um material fundamental, um referencial que oferecia informações, um modelo orientador à tomada de consciência do professor voluntário. Uma vez, que o manual era um guia orientador da metodologia em que se devia ministrar os conteúdos, serviu como orientador de uma formação para as disciplinas de didática e matemática, bem como para o desenvolvimento de noções na área de psicologia e treinamento militar. Ao mesmo tempo em que apresentava um Currículo Oculto que visava a tomada de consciência do professor do seu papel social referente aos princípios de prescindir, superar-se diante as dificuldades, a coletividade e, sobretudo amar a Revolução.

As orientações contidas no manual auxiliavam o professor a explorar o conteúdo da *Cartilha ¡Venceremos!* (CUBA, 1961c) que está ilustrada a seguir:

Figura 02 – Foto da Capa da Cartilha *¡Venceremos!* (1961c)



Fonte: Cuba (1961c, p. 01).

Assim, as aulas deveriam partir de uma conversa informal sobre as temáticas revolucionárias, na qual denunciava problemas sociais desenvolvidos em Cuba devido a subordinação aos interesses do imperialismo estadunidense e elucidava como o governo revolucionário atuava para superar essas dificuldades ao mesmo tempo em que demonstrava qual deveria ser a contribuição do povo. O que contribuía assim, para a politização do professor e do aluno. Ao professor, dava-se a orientação de que para cada lição da *Cartilha ¡Venceremos!* (CUBA, 1961c) deveria correlacionar algumas temáticas do *Manual Alfabetecemos* a fim de dar condições ao professor de explorar com maior profundidade a temática proposta na lição da cartilha. Para facilitar esta correlação, o sumário do *Manual Alfabetecemos* foi elaborado em duas colunas, a primeira continha o nome das lições da cartilha e a segunda os temas que deveriam orientar a ação pedagógica dos alfabetizadores, conforme a imagem a seguir:

Figura 03 – Foto do Sumário do Manual *Alfabetecemos* (1961a)

A continuación establecemos una relación entre los asuntos de la Cartilla y los temas del Manual, en los cuales Ud. encontrará el material de información necesario para la conversación inicial.

CARTILLA	MANUAL
O E A . . . . .	Tema XV "La Unidad Internacional".
I N R A . . . . .	Tema III "La Tierra es Nuestra".
Las cooperativas de la Reforma Agraria . . . . .	Tema IV "Las cooperativas".
La Tierra . . . . .	Tema I y III "La Revolución" y "La Tierra es Nuestra".
Los Pescadores Cubanos . . . . .	Tema IV "Las Cooperativas".
La Tienda del Pueblo . . . . .	Tema IV "Las Cooperativas".
Cada Cubano dueño de su casa . . . . .	Tema V "El derecho a la Vivienda".
Un pueblo sano en una Cuba libre . . . . .	Tema XX "La Salud".
El INIT . . . . .	Tema XXI "La Recreación Popular".
Las Milicias . . . . .	Tema XVIII "El Pueblo Unido y Alerta".
La Revolución gana todas las batallas . . . . .	Temas I-II-XXIII "La Revolución", "Fidel es Nuestro Líder" y "La Revolución gana todas las batallas".
El pueblo trabaja . . . . .	Temas VIII-XVIII "La Industrialización" y "Obreros y Campesinos".
Cuba no está sola . . . . .	Temas XV-XXIII "La Unidad Internacional" y "La Revolución gana todas las batallas".
Ya llegó el Año de la Educación . . . . .	Temas IX-XXII "La Revolución convierte Cuarteles en Escuelas" y "La Alfabetización".

Fonte: Cuba (1961a, p. 08).

Essas orientações ao professor sobre como utilizar corretamente a cartilha aconteciam por meio da disciplina adquirida no treinamento militar, dos estímulos morais e

dos novos conhecimentos de caráter político, social, econômico e cultural transmitidos ao professor. Eram desenvolvidas, desse modo, várias atividades para que o mesmo aprendesse na prática como deveria ser o relacionamento professor/aluno e adaptar-se as condições de vida no campo. Por isso, deveriam cumprir as regras do acampamento, levantar de madrugada, cantar o hino da alfabetização seis vezes ao dia, usar devidamente o uniforme e estabelecer um bom relacionamento com os demais colegas. Essas estratégias permitiriam ao professor voluntário desenvolver uma disciplina interna que exigia esforço em libertar-se de uma consciência egoísta, princípios essenciais para o “homem novo” elucidado por Che Guevara em 1965.

Esse esforço em libertar-se dessa consciência egoísta pode, mesmo que parcialmente, ser considerado como o doloroso parto da libertação descrito por Paulo Freire (1987). Uma vez que o treinamento recebido em *Sierra Maestra* em conjunto com os ensinamentos contidos no *Manual Alfabetecemos* (CUBA, 1961a), trazia ao professor voluntário acostumado com o conforto da cidade um possível sofrimento da dualidade que se instalava, a princípio, na interioridade de seu ser. Essa dualidade se encontrava na luta que travavam dentro de si para escolherem entre ser espectadores ou atores, entre querer ser e temer ser, entre se desalienar ou se manter alienado para poder ou não transformar o mundo. E, o homem que nasceu desse parto, só foi exequível por meio da tentativa na e pela, “[...] superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos.” (FREIRE, 1987, p. 19).

Sobre o treinamento em *Sierra Maestra*, cabe ressaltar que quando os *jovens maestros* chegavam, recebiam cuidados na área da saúde, todos eram vacinados e faziam exames. Isto porque, tirar os jovens de casa exigia grande responsabilidade por parte da Comissão Nacional de Alfabetização. Ao mesmo tempo que em conjunto com as lições do *Manual Alfabetecemos* (CUBA, 1961a) fazia-se intencionalmente com que os jovens tivessem um choque de realidade, pois precisavam se adaptar a realidade do que enfrentariam nos povoados das montanhas e, que aprendessem a refletir sobre as contradições sociais vivenciadas até então pelo cubanos, bem como sobre o abandono em que viviam as pessoas do campo até aquele momento.

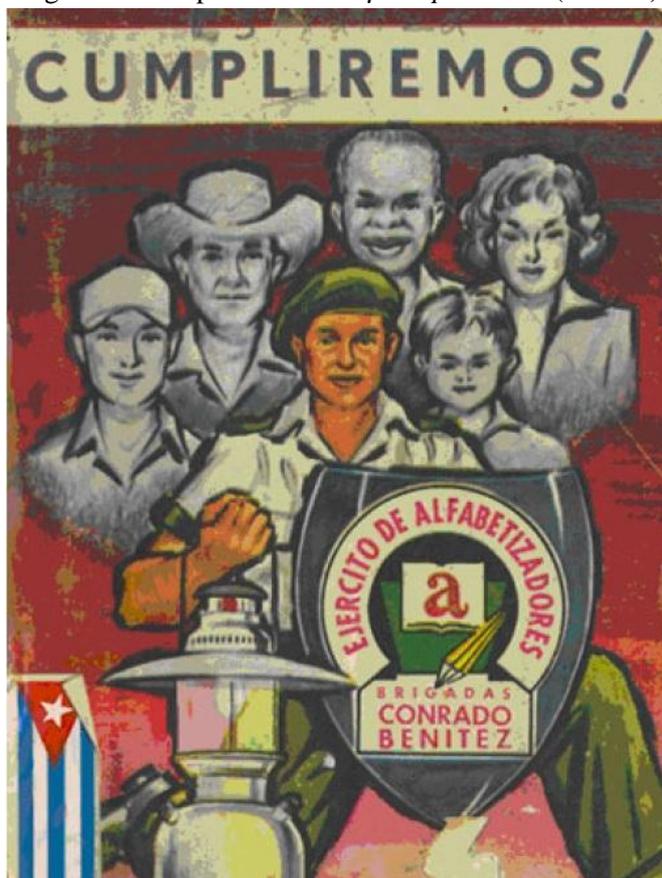
A alfabetização em Cuba, nesse sentido, adquiriu um caráter contrário ao da grande parte dos países da América Latina, porque não foi compreendida como um fenômeno neutro sem qualquer caráter político. Aprender a ler e escrever, naquele período, não significou apenas a internalização do sistema de escrita alfabética, como acontece muitas vezes, segundo Magda Soares (2017), na maioria das escolas brasileiras. A alfabetização em Cuba, naquele período, foi utilizada como um desenvolvimento “[...] de construção do saber e meio de conquista de poder político.” (SOARES, 2017, p. 25).

O slogan *ser cultos para ser livres*, contido na contra capa dos materiais didáticos utilizados na Campanha de Alfabetização, inclusive no *Manual Alfabetecemos* (CUBA, 1961a), geralmente estava acompanhado da imagem de um homem e uma criança saindo de um livro escuro de braços abertos possibilitando ao professor se ver como aquele que traria

luz ao obscurantismo existente por falta da leitura escrita. E, como esse processo era importante à libertação do homem e, sinônimo de cultura. Somente a internalização do mundo da cultura, por meio da alfabetização, segundo Fidel Castro (1960), proporcionaria a vitória da Revolução e a construção de uma Cuba soberana e livre. O que possibilita reiterar a ideia de Magda Soares (2017) de que a alfabetização é um instrumento de obtenção de conhecimentos futuros, mas, sobretudo um meio social para obtenção de poder, que pode ser utilizado tanto para reproduzir a estrutura de classes ou para a tentativa de superá-las.

Fidel Castro em um discurso realizado em 28 de janeiro de 1961 no intuito de convocar mestres voluntários para a Campanha, argumentou que os professores alfabetizadores deveriam atuar como “[...] missionários e missionárias da cultura, como porta-estandarte do ensino, como tochas acesas que irão para lá (regiões montanhosas) para trazer luz, para realizar as mais belas tarefas.” (CASTRO, 1961b). Nesse sentido, além de instrumento importante para a realização das aulas à noite, o lampião tornou-se um dos símbolos do professor alfabetizador em Cuba. Muitas vezes retratado como um soldado que deveria caminhar à frente dos camponeses para iluminar o caminho que deveria ser trilhado para aquisição da cultura letrada, como demonstra a capa do *Manual ¡Cumpliremos!*<sup>5</sup> apresentada abaixo:

Figura 04 – Capa do Manual *¡Cumpliremos!* (1961ab)



Fonte: Castro (1961a).

O escudo segurado pelo professor na imagem, além do lampião, era a logo da Campanha que sugeria a alfabetização como um fator importante para a proteção do povo. O uniforme utilizado pelo professor, também poderia ser um indicativo desse pensamento. Já que utilizavam uma farda em tom de verde com a logo da Campanha de Alfabetização em uma das mangas da camisa, botas, cintos e boinas como um soldado, do exército dos alfabetizadores. O que implicava uma atmosfera de disciplina e comprometimento em servir a pátria ao contribuir para elevar o nível cultural dos cubanos, em especial os camponeses.

Era necessário convencer o alfabetizador porque ele lutava, porque seu trabalho era tão importante e útil e o motivo pelo qual deveria se sentir orgulhoso de ser um soldado da cultura e um mestre dos humildes. (CASTRO, 1961a). O alfabetizador deveria se sentir orgulhoso, segundo Fidel Castro (1961a), por contribuir ao ensinar ler e escrever, que a maior parte dos cubanos pudessem ter acesso a cultura letrada. O que contribuiria para elevar a consciência política do povo que teria a oportunidade de refletir e expressar a sua realidade por meio da palavra escrita, ou seja, nas palavras do próprio Fidel Castro (1961a) possibilitar a libertação plena do homem cubano, a autonomia e a vitória permanente da Revolução. A formação para a autonomia, segundo Paulo Freire (1987) precisa desenvolver uma libertação que contribua para reflexão sobre o ato desta libertação. Para o autor: “[...] pretender a libertação deles sem a sua reflexão no ato desta libertação é transformá-los em objeto que se deve salvar de um incêndio. É fazê-los cair no engodo populista e transformá-los em massa de manobra.” (FREIRE, 1987, p. 29).

As discussões realizadas até o momento, permitem considerar que em Cuba a formação dos professores alfabetizadores (mesmo sendo jovens em processo de alfabetização) foi intencionalmente planejada para transformá-los em um homem livre, culto e miliciano que ficou conhecido por homem novo em 1965. Esta formação exigiu dos jovens voluntários um esforço intelectual direto e indireto passando pelos princípios da autoeducação para que pudessem compreender as facetas metodológicas do ato de alfabetizar bem como seus condicionamentos sociais, culturais e políticos. O que proporcionou o uso adequado dos materiais didáticos e, sobretudo “[...] a assumir uma postura política diante às implicações ideológicas do significado e do papel atribuído à alfabetização.” (SOARES, 2017, p. 28).

Segundo Soares (2017) a postura política sobre o papel da alfabetização, afeta diretamente o aprendizado da leitura e escrita. Para a autora:

A questão da postura política em relação ao significado da alfabetização afeta, evidentemente, o processo de aprender a ler e escrever. A diferença entre uma postura pretensamente ‘neutra’ e uma explícita postura política fica clara quando se compara o trabalho em alfabetização desenvolvido, geralmente, nas escolas, com um trabalho na linha de Paulo Freire, para quem a alfabetização é um processo de conscientização e uma forma de ação política. Conclui-se que, à natureza complexa do processo de alfabetização, com suas facetas psicológicas, psicolinguística, sociolinguística e linguística, é preciso acrescentar os fatores sociais,

econômicos, culturais e políticos que o condicionam. Uma teoria coerente da alfabetização só será possível se a articulação e integração das várias facetas do processo forem contextualizadas social e culturalmente e iluminadas por uma postura política que resgate seu verdadeiro significado. (SOARES, 2017, p. 26).

Nesta perspectiva, a alfabetização em Cuba foi gestada como conscientização política e seu trabalho mediante os resultados obtidos demonstram resultados concretos na formação, a princípio, de um homem autônomo. Pode-se observar uma certa semelhança nas discussões realizadas por Paulo Freire (1987), em que afirma que o sentido mais exato da alfabetização é aprender a escrever a vida, como autor e como testemunha de sua história. Ao final do ano de 1961, a concretude do processo formador em Cuba teve como resultado a redução de sua taxa de analfabetismo de 26,3% aproximadamente para 3,9%, enquanto em outros países da América Latina, salvo as devidas particularidades, como é o caso do Brasil a taxa de analfabetismo atingia em média, segundo Pereira (1989), 50,5% da população.

Para Pereira (1989, p. 18):

No início do ano de 1961, foram localizados 979.207 analfabetos, dos quais 707.000 já estavam alfabetizados em dezembro. Ou seja, durante a Campanha Nacional de Alfabetização ficaram sem alfabetizar-se apenas 272.207 cubanos: 3,9% da população, pois Cuba tinha então 6.933.253 habitantes. Nesse residual estão excluídos os que se recusaram, os que se alfabetizaram em fevereiro de 1962 e os não-alfabetizáveis por razões de saúde, de idade, e por serem analfabetos em seu idioma, como foi o caso dos 25.000 haitianos residentes nas províncias de Oriente e Camagüey. Não obstante, 3,9% é um dos índices de analfabetismo mais baixos do mundo, somente comparável com os da União Soviética, Tchecoslováquia, Suíça, França, Inglaterra e Japão.

Dos dados acima é importante destacar que o empenho pela alfabetização continuou após o término da Campanha, pois Cuba conseguiu reduzir seu índice de analfabetismo para 0,2% na população com mais de 10 anos. O que pode demonstrar que os objetivos da educação revolucionária para a alfabetização como condição de liberdade se aperfeiçoaram. O que implicou em transformações significativas em todo o campo pedagógico cubano.

Em meio aos avanços quantitativos, a educação cubana também apresentou grande progresso nos aspectos qualitativos. Para Margarita Quintero López (2011) em *A Educação em Cuba: seus fundamentos e desafios*, os avanços qualitativos da educação cubana foram possíveis por meio da aplicação dos princípios em que se fundamenta. Para a autora, a educação em Cuba está hoje alicerçada nos princípios de: Abrangência da educação, Combinação do estudo com o trabalho, Coeducação, Gratuidade e a participação ativa. Sendo muitos desses, senão todos gestados no período de Campanha de Alfabetização, em especial no período de preparação dos *jovens maestros*.

Foi nesse período, a partir dessas constatações, que Cuba objetivou a formação de um homem com uma essência coletiva, que aprendesse a ser, assumindo uma postura

contrária dos objetivos de uma educação capitalista que almeja formar um indivíduo que aprenda a ler. Até hoje, segundo Gillette (1977), a expansão quantitativa e qualitativa da educação cubana é dada pelos cubanos ao grande projeto de criação de melhores seres humanos iniciado em 1961.

No I Congresso Nacional de Alfabetização em Cuba, realizado para reavaliar a Campanha de Alfabetização, Fidel Castro explicitou que o objetivo da formação docente por meio do *Manual Alfabetizamos* (CUBA, 1961a) estava também em convencer o professor que seria o maior instrumento de propagação dos ideais revolucionários. Afirmou que Revolução e educação deveriam ser sinônimos. (CUBA, 1961b). Neste congresso, Fidel Castro explicou aos participantes:

[...] em poucos outros aspectos da Revolução tem se avançado tanto como no campo da educação. É que não se concebe uma Revolução sem uma grande Revolução também no campo da educação. Quer dizer, que Revolução e educação são duas coisas quase sinônimas. (CUBA, 1961b, p. 113).

Ao explicar que Revolução e educação eram sinônimos, Fidel Castro, ainda enfatizou que somente uma Revolução ao transformar seu quadro político, econômico e social poderia levar o homem a ser livre da ignorância que o analfabetismo proporcionava. Por isso, o mais importante da escola (naquele período era importante destacar que, segundo os líderes revolucionários, toda a sociedade deveria se converter em uma escola) era o *maestro*. (CUBA, 1961b).

Sobre esta perspectiva, um ano depois, em 1962, ao tratar sobre a educação, Fidel Castro (1976) argumentou que a revolução deu grande atenção à formação do educador e que o mais importante para a revolução era educar. Educar o professor para que o mesmo pudesse educar um verdadeiro cidadão à “[...] ser um irmão de todos os outros cidadãos; educá-lo no espírito do trabalho, educá-lo no espírito do cumprimento do dever, educá-lo nas ideias justas [...] para que não fique nem sombra da sociedade em que vivemos até aqui, egoísta [...]”. (CASTRO, 1976, p. 46).

O caráter ideológico da educação em Cuba, nesse sentido, aconteceu de forma explícita, no qual Estado e cidadãos precisavam estar conscientes de seus objetivos e assumirem para si, em conjunto, a responsabilidade de seu êxito ou fracasso. Nesta perspectiva, os objetivos que foram trilhados para a educação cubana permitiram o rompimento dos princípios éticos e morais burgueses de trabalho assalariado, propriedade privada, educação, cultura e a desvalorização da mulher. E foram substituídos pelos princípios do trabalho voluntário, cooperativas, a união do estudo com o trabalho, o acesso a cultura humana por meio do ensino da leitura e da escrita bem como, o respeito e valorização do trabalhador em geral, inclusive a mulher. O que contribuiu para que Cuba encontrasse o caminho da coletividade e sistematizasse o seu projeto antropológico: o homem novo. Colocando em prática o princípio desenvolvido por Che Guevara (2004) de que:

O homem através da educação se supera; e quando essa educação se realiza mediante um espírito coletivo, quando o sentido revolucionário de todos ajuda o desenvolvimento da consciência de todos, o salto pode ser gigantesco. [...] e ninguém nos exigiu que temos que saber isso ou aquilo em tal ou qual tempo; o que exigimos, nós exigimos a todos, é saber um pouco mais a cada dia. Esse é o espírito que deve prevalecer. (GUEVARA, 2004, p. 139).

Sendo assim, Cuba instrumentalizou a alfabetização como força transformadora, e, apesar das contradições econômicas, políticas e sociais que existem no país hoje, o sistema educacional se desenvolveu e continua a desenvolver-se a ponto de se tornar referência mundial, estimulando uma participação ativa da população em todos os aspectos relativos à educação, tanto no individual como também na coletividade.

Nesta perspectiva, Cuba cumpriu o princípio de educação para todos demonstrando que é possível desenvolver uma educação politécnica, quando de fato a educação torna-se preocupação central do Estado e do povo. E ao longo de várias décadas tem demonstrado ainda que, apesar de enfrentar condições econômicas adversas, a chave para uma formação do homem enquanto sujeito histórico e social está no princípio do ato educativo como dever do Estado, na tentativa de unificar o estudo com o trabalho, na educação direta e indireta e na autoeducação, bem como na recuperação do verdadeiro significado político da alfabetização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões realizadas no texto, é possível considerar que a formação docente revolucionária em Cuba para a Campanha de Alfabetização que teve como instrumento o *Manual Alfabeticemos* (CUBA, 1961a) foi o ponto de partida para a construção de um projeto educacional e um ideal de homem sistematizados em 1965 por Ernesto Che Guevara. Isto porque, o “homem novo” elucidado por Guevara (1965) como o homem ideal para a consolidação do movimento revolucionário e a construção do socialismo em Cuba apresentava características similares ao homem livre, culto e miliciano propagado como meio de convencimento sobre a importância de se erradicar o analfabetismo do período da Campanha de Alfabetização.

Foi possível também considerar que a gênese do homem novo foi o professor alfabetizador. No qual é importante destacar, que o professor alfabetizador foi todo aquele que atendeu ao apelo de Fidel Castro para participar da batalha da cultura e, que recebeu uma formação apressada de três meses em uma antiga base da guerrilha em *Sierra Maestra*. (HUTEAU; LAUTREY, 1976). Este treinamento aconteceu aproximadamente de janeiro a abril de 1961.

O modelo de homem explícito no *Manual Alfabeticemos* (CUBA, 1961a), em 1961, apontava para um homem que seria livre na medida em que se tornasse culto. No decorrer

da Campanha de Alfabetização, esse mesmo homem, se concretizou em um homem novo que também deveria ter na educação um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento de uma nova consciência que o possibilitasse ser um homem de ação e palavra, que se autoeducasse e dominasse tanto a ciência como a técnica.

A Campanha de Alfabetização exerceu, então, um papel significativo à construção do homem novo cubano porque contribuiu de forma efetiva para a consolidação do processo de transformação social quando adotou a alfabetização como prática de liberdade. E, ao dar atenção especial à formação do professor aproximou-se do princípio de que “[...] a coincidência da mudança das circunstâncias e da atividade humana ou autotransformação só pode ser tomada e racionalmente entendida como práxis revolucionária [...]” (MARX; ENGELS, 1986, p. 104) e que para tanto primeiramente o educador precisa ser educado.

Assim, a experiência cubana no quesito da alfabetização possibilita a problematização de que de fato adotar a aquisição do sistema de escrita alfabética como prática de liberdade seria, segundo Paulo Freire (1987, p. 5) “[...] aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se.”

A educação em Cuba, neste sentido, ao recuperar o significado da alfabetização enquanto condição de libertação e conquista de poder político, ganhou características próprias de formação social, pois cada cubano tornou-se um propagador de cultura, um ser que se autolibertou e pretendia libertar outros. Esses princípios deveriam vencer as fronteiras, pois o homem novo proposto em Cuba, naquele período, era um homem consciente, ativo em meio aos embates da vida que assumiu suas responsabilidades e não era educado para si próprio, e sim para o coletivo, transformando sua formação em atos concretos, que serviriam de exemplo e mobilização.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, R. G. A. S.; RESENDE, S. G. Educação e contradição: implicações teórico-práticas na formação docente. *Colloquium Humanarum*, v. 15, n. especial 2, jul./dez. 2018. Disponível em:

<http://www.unoeste.br/site/enepe/2018/suplementos/area/Humanarum/Educa%C3%A7%C3%A3o/EDUCA%C3%87%C3%83O%20E%20CONTRADI%C3%87%C3%83O%20IMPLICA%C3%87%C3%95ES%20TEORICO%20PR%C3%81TICAS%20NA%20FORMA%C3%87%C3%83O%20DOCENTE.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2019.

CASTRO, F. **¡Cumpliremos! Temas sobre la Revolución para los Alfabetizadores**. La Habana, Cuba. 1961a.

CASTRO, F. **Discurso Pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro Del Gobierno Revolucionario, en el Acto De Inauguración de la Ciudad Escolar “Abel Santamaría”, Donde Antes Estaba El Cuartel Militar “Leoncio Vidal”,**

en la Ciudad de Santa Clara, el 28 de Enero de 1961b. Disponível em:  
<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f280161e.html>. Acesso em: 07 ago. 2019.

CASTRO, F. **Discurso do comandante Fidel Castro Ruz, Primeiro-Ministro do governo revolucionário, na sede da Nações Unidas, Estados Unidos, 26 de setembro de 1960**. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f260960e.html>. Acesso em: 07 ago. 2019.

CASTRO, F. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del Comité central del partido comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en la velada solemne en memoria del comandante Ernesto Che Guevara, en la plaza de la Revolución, el 18 de octubre de 1967**. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f181067e.html>. Acesso em: 05 ago. 2019.

CASTRO, F. Educação em revolução. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1976.

CUBA, Ministério de la Educación. **¡Venceremos!** La Habana: Imprenta Nacional, 1961c.

CUBA, Ministerio de la Educación. **Alfabetizamos manual para el Alfabetizador**. La Habana: Imprenta Nacional, 1961a.

CUBA, Ministerio de la Educación. **Congreso Nacional de Alfabetización**. La Habana: Imprenta Nacional, 1961b.

FERNANDES, F. **O que é revolução**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GILLETTE, A. **A Revolução Educacional Cubana**. 1. ed. Lisboa, Portugal: Moraes Editores, 1977.

GOTT, R. **Cuba: uma nova história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GUEVARA, E. C. Ernesto Che. Notas para o Estudo da Ideologia da Revolução Cubana. In: SADER, E. (org.). **Che Guevara – Política**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

GUEVARA, E. C. **O socialismo e o homem em Cuba**. Semanário Marcha, Montevideo. Março de 1965.

HUTEAU, M.; LAUTREY, J. **Cuba: revolução no ensino**. Trad. de Manuela Leandro e Fernanda Campos. Coimbra: Centelha, 1976.

LÓPEZ, M. Q. A educação em Cuba: seus fundamentos e desafios. **Estudos avançados**, v. 25, n. 72, p. 55-72, 2011. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ea/a/59RgF5TRjwjXnsLBBqbgXdc/?lang=en&format=pdf>. Acesso em: 05 ago. 2019.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã (Feuerbach)**. 5. ed. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1986.

PEREIRA, M. **Rebeldes sem armas: alfabetizadores cubanos em ação**. São Paulo: Ática, 1989.

PERONI, V. M. V. **A campanha de alfabetização em Cuba**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SWEEZY, P. M.; HUBERMAN, L. **Cuba: anatomia de uma revolução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1960.

#### **AUTORIA:**

\* Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora da Educação Básica na Prefeitura Municipal de Astorga (PMA). Contato: daydoutorado@gmail.com

\*\* Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e em Estudos Clássicos (Mundo Antigo) pela Universidade de Coimbra (UC-Portugal). Professora titular da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Contato: roseliamaral@professores.utfpr.edu.br

\*\*\* Doutorado em História e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professor Associado da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Contato: pereirameloneto@hotmail.com

#### **COMO CITAR ABNT:**

ROSA, D. de F. C.; AMARAL, R. G. do; MELO, J. J. P. A construção do homem novo em Cuba (1959-1961): um processo de transformação por meio da alfabetização como prática de liberdade.

**Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 21, p. 1-21, 2021. DOI:

10.20396/rho.v21i00.8660363. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8660363>. Acesso em: 02 ago. 2021.

#### **Notas**

<sup>1</sup> Michel Huteau e Jacques Lautrey afirmam em *Cuba: revolução no ensino* do ano de 1976, que o homem novo seria irmão gêmeo do que Marx denominava de homem integral ou omnilateral, pois “[...] é a sua formação integral que lhe permite ser consciente.” (HUTEAU; LAUTREY, 1976, p. 197). Para Marx (2004, p. 117), o homem omnilateral é “[...] a ratificação do homem como ser genérico lúcido [...]”, dito de outra forma, corrobora-se com Roseli Gall do Amaral da Silva e Stela Resende (2018), em *Educação e contradição: implicações teórico-práticas na formação docente* quando explicitam que o homem omnilateral é aquele em que tem condições materiais e intelectuais

“[...] de conhecer, compreender e assumir suas próprias conclusões a respeito da produção da vida como atores e autores do seu momento histórico.” (AMARAL; RESENDE, 2018, p. 248).

- <sup>2</sup> Fulgencio Batista Zaldívar foi um militar cubano, segundo Sweezy e Huberman (1960, p. 37), Batista “[...] tomou o controle do exército em setembro de 1933 e assumiu o governo no ano seguinte.” Foi um ditador sanguinário, cujo regime representou repressões, assassinatos, gangsterismo, suborno e corrupção. É importante ressaltar que de 1933 a 1940, Batista manteve o controle do país como chefe das forças armadas até ser eleito presidente em 1940 até 1944. Retornou ao governo depois de um golpe de Estado em 1952, quando suspendeu a Constituição de 1940 e revogou o direito a greve. Restabeleceu no país a pena de morte e decretou para si mesmo um salário maior do que o do presidente dos Estados Unidos. O regime de Batista foi derrubado em 1959 pelo exército rebelde comandado por Fidel Castro, Che Guevara, Raul Castro e Camilo Cienfuegos.
- <sup>3</sup> a) *Muéstrase animoso ante las dificultades, piense que trabaja para La Patria combatiendo La ignorância; b) Evite dar órdenes. Diga: Vamos a trabajar. Vamos a estudiar. Use expresiones estimulantes como: ¡ Va muy bien! ¡ Adelante! ¡ Perfecto! etc.; c) Evite el tono autoritario, recuerde que la labor de alfabetización se realiza en común entre alfabetizador y analfabeto; d) Si observa fatiga o cansancio cámbieles de trabajo.* (CUBA, 1961a, p. 11).
- <sup>4</sup> Gerardo Machado y Morales foi o sexto mandato presidencial por mais seis anos sem convocar novas eleições. Foi um caudilho liberal típico. Segundo Gott (2006, p. 152), “[...] era de origem mais humilde do que os presidentes anteriores. Outrora açougueiro em Santa Clara, a cidade em que nasceu em 1871, vinha de uma família de ladrões de gado, talhando de dia o que tinha arranjado durante a noite. Recruta natural das forças rebeldes na guerra de independência, subiu na vida até chegar a oficial comandante, voltando-se presidente de Cuba, eleito em 1924 estendeu em 1928 o seu governo para a política dos liberais [...]”. Tentou conciliar os interesses da burguesia nacional com os interesses do imperialismo ao mesmo tempo em que iniciou uma forte repressão as forças populares.
- <sup>5</sup> O manual *¡Cumpliremos!* (CASTRO, 1961a) foi elaborado pelo próprio Fidel Castro para uso dos alfabetizadores com o objetivo de esclarecer, com mais detalhes, a situação vivida pelo país e as modificações que estavam ocorrendo em nível econômico. Ou seja, esse material complementar ao *Manual Alfabetizamos* (CUBA, 1961a) procurou aprofundar a formação didática que os jovens maestros haviam recebido em *Sierra Maestra*. O livro *¡Cumpliremos!* (CASTRO, 1961a) apresentava temas sobre a Revolução divididos em sete capítulos.